

As ruínas do reino

The ruins of the kingdom

Cíntia Carla Moreira Schwantes¹ 

¹ Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este artigo se destina a discutir o romance *O reino deste mundo*, do cubano Alejo Carpentier, sob uma ótica pós-colonial. Trata-se de um romance histórico que utiliza como matéria narrativa fatos da história do Haiti, vazados pela mirada de Ti Noel, um escravo que vivencia os conflitos que envolvem o processo de independência do país, bem como das guerras napoleônicas e do processo colonial levado em solo haitiano, tão em desacordo com os ideais franceses de igualdade, liberdade e fraternidade. Ele acaba seus dias idoso e senil, vivendo nas ruínas da casa de seu antigo dono, e assim, pelos olhos de Ti Noel, o romance expõe toda a violência e as contradições envolvidas no processo colonial haitiano.

Palavras-chave: Romance histórico; Pós-colonialidade; Haiti

ABSTRACT

This article aims to discuss the novel *The Kingdom of This World*, by Cuban author Alejo Carpentier, under a post-colonial theoretical approach. It is a novel which uses as a narrative material the facts of Haitian history, conveyed by Ti Noel, a slave who lives in a time of conflicts linked to the process of independence, as well as the Napoleonic wars, of the colonial process as it happened in Haiti, so unlike the French principles of fraternity, liberty and equality. He ends up living in the ruins of the house of his former owner, old and senile. Thus, it is by the eyes of Ti Noel that the novel exposes all the violence and contradictions involved in Haitian colonial process.

Keywords: Historical novel; Post-colonial; Haiti

É provável que nenhum outro local tenha tido uma escravidão tão cruel e violenta quanto o Caribe. Não apenas a quantidade de violência necessária para submeter os escravos à uma população branca muito menos numerosa atuou como um fator – em outros locais, como nos EUA e no Brasil, a correlação não era tão diferente – mas também o isolamento provavelmente pesou no cálculo da severidade e frequência dos castigos a que eram submetidos os escravos. Assim, como ações suscitam em reações proporcionais, o Haiti se torna palco de revoltas sucessivas, torna-se o primeiro país a mover uma guerra de independência, e essa guerra tem consequências desastrosas.

Portanto, o autor autoproclamado cubano, após uma visita ao Haiti em 1943, quando impressionou-se com os escombros do reino do Haiti, com o Palácio de Sans Souci e com a Fortaleza Leferriere, decidiu se debruçar sobre esses eventos históricos. Ele o fez não só partindo de seu engajamento com o Surrealismo, mas também partindo de seu conhecimento da cultura popular do Caribe. Alejo Carpentier, graças a essa confluência de vivências, tornar-se-ia um dos criadores do Realismo Mágico e um dos autores que compuseram o *boom* da literatura latino-americana.

O objetivo do presente artigo é realizar uma leitura do romance *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, partindo de um aporte teórico pós-colonial. O romance se configura como uma releitura de eventos históricos sobejamente conhecidos, através dos olhos de uma personagem condutora, que é um escravo, uma pessoa simples, uma daquelas que é enredada, a maior parte das vezes a sua revelia, nos eventos históricos que se desenrolam em seu redor. Assim, Ti Noel convive com personagens históricas, como o líder de uma revolta escrava, Makandal, o general francês Leclerc e sua esposa Paulina, e o rei do reino aludido no título, Henri Christophe. Por isso, o romance se configura como uma metaficção historiográfica, outra possível entrada teórica de leitura, entretecendo as vivências históricas de personagens decalcados em figuras da história do país com as do cidadão comum, aqui emblematicamente incorporado em Ti Noel. A metodologia utilizada será o

close reading, que nos permite lançar mão de conhecimentos vários na leitura da obra literária, o que será necessário, dada a hipótese de leitura abraçada, ou seja, de que o romance traz diversos níveis de leitura contestatória da história oficial.

A seguir nos debruçaremos sobre o conceito de pós-colonialismo. Termo de uso recente, mas que já causa polêmica, uma vez que implica um final o processo colonial. Ele precisa ser entendido como um conceito que não nega a continuidade de relações desiguais de poder entre países colonizadores e colonizados, mas como descritor da modificação na dinâmica de tais relações, uma vez que o estatuto legal de subordinação já não existe. Além disso, outras formas de manutenção da desigualdade se desenvolveram; trata-se exatamente de investigá-las e discuti-las. Segundo Stuart Hall,

Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do "alto" período colonial, persistem no pós-colonial. Contudo, essas relações estão resumidas em uma nova configuração. No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais nativas, como contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo. [...] Essa dupla inscrição pós-colonial ocorre em um contexto global onde a administração direta, o controle ou o protetorado de um poder imperial foi substituído por um sistema de poder assimétrico e globalizado, cujo caráter é pós-nacional e posimperial. Suas principais características são a desigualdade estrutural, dentro de um sistema desregulamentado de livre mercado e de livre fluxo de capital, dominado pelo Primeiro Mundo; e os programas de reajuste estrutural, nos quais prevalecem os interesses e modelos ocidentais de controle. (HALL, 2003, p. 56).

Em *O reino deste mundo*, as contradições da Revolução Francesa com seus ideais de igualdade, fraternidade e liberdade são expostas, na medida em que a República mantém a relação com as colônias inalterada, e as tentativas de mudança esbarram nas resistências de uma burocracia que conta com a distância geográfica para empreender a manutenção da escravidão. Ti Noel, o protagonista, sabe – como sabem os outros escravos – que o decreto do fim da escravidão pouco

significa. Por outro lado, essas contradições abrem a possibilidade da tomada do poder por um ditador expansionista que deseja que os lucros das colônias – e o Haiti era a colônia mais lucrativa – se mantivessem no mesmo patamar para financiar suas invasões a países vizinhos.

A conturbada história da independência do Haiti, envolta nas movimentações políticas da metrópole, é descrita, novamente, por Stuart Hall:

Nos primórdios do desmantelamento dos antigos impérios, vários novos Estados-nação, multiétnicos e multiculturais, foram criados. Entretanto, estes continuam a refletir suas condições anteriores de existência sob o colonialismo. Esses novos estados são relativamente frágeis, do ponto de vista econômico e militar. Muitos não possuem uma sociedade civil desenvolvida. Permanecem dominados pelos imperativos dos primeiros movimentos nacionalistas de independência. Governam populações com uma variedade de tradições étnicas, culturais ou religiosas. As culturas nativas, deslocadas, senão destruídas pelo colonialismo, não são inclusivas a ponto de fornecer a base para uma nova cultura nacional ou cívica. Somam-se a essas dificuldades a pobreza generalizada e o subdesenvolvimento, num contexto de desigualdade global que se aprofunda e de uma ordem mundial econômica neoliberal não regulamentada. Cada vez mais, as crises nessas sociedades assumem um caráter multicultural ou "eticizado". (HALL, 2003, p. 56).

A literatura é parte do esforço da construção de uma identidade nacional, e *O reino deste mundo* se debruça sobre a construção de um país novo sobre as bases deixadas por uma potência colonizadora. Seus muitos erros decorrerão, portanto, dessa circunstância. A opção pela metaficção historiográfica também se explica como mecanismo que permite uma visão sobre o processo de independência do Haiti.

Como nos alerta Maria Nazareth Soares Fonseca (1985, p. 187):

MacKandal é, historicamente, o marco do início das sublevações negras nas terras do Caribe. O livro de Carpentier recupera a façanha do feiticeiro pela inserção da História no relato mítico e toma o renascimento de MacKandal como a continuidade da palavra da transgressão, capaz de resguardar um sentido que se constrói num espaço de interdição. A personagem Henri Christophe, no texto de Carpentier reencarna o mito da fundação ao mesmo tempo em que remete ao déspota, ao pai cruel que acredita que a estória a ser contada

pelo seu povo deveria ser escrita pelos signos do sacrifício e do sofrimento. A Citadelle La Ferrière seria o texto onde se leria o próprio país e a construção de sua independência, mas também uma escravidão tão abominável quanto a do antigo regime.

O romance é povoado de personagens históricas. Logo no início da narrativa, Ti Noel está presente quando o braço de Mackandal é destruído em uma máquina de moagem de cana de açúcar por conta do tropeço de um cavalo – que deveria estar exaurido. Mackandal, no romance, passa a estudar cogumelos venenosos e, ao cabo de algum tempo, em 1754 – a data não é explicitada – lidera uma revolta de escravos. Segue-se um período de guerra, de guerrilha, que não é marcado temporalmente no romance – sabe-se que foram quatro anos –, até que ele foi preso e executado em praça pública. Considerando-se que à época a população do Haiti compunha-se de apenas 5 mil brancos e 465 mil escravos, as explosões de rebeliões não eram inesperadas, uma vez que uma quantidade considerável de violência era necessária para subjugar essa população. Por outro lado, não era possível diminuir o número de escravos, pois a monocultura da cana de açúcar exigia uma quantidade muito grande de mão de obra.

O narrador, aqui, é heterodiegético, e conta com uma personagem condutora, Ti Noel. Como costuma acontecer na metaficção historiográfica, uma personagem ficcional assume o lugar de protagonista e interage com personagens históricas. Igualmente, mais vezes do que não, a personagem condutora terá também a função de protagonista. Em *O reino deste mundo*, esse arranjo tem dupla utilidade: tanto o narrador se beneficia de uma visão panorâmica do que acontece na ilha quanto de uma visão particularizada, específica de Ti Noel – que, no entanto, é paradigmática da visão dos escravos, de forma que a divisão não ocorre entre particular e coletivo. A divisão é, portanto, entre anterior, uma visão contemporânea aos acontecimentos – a de Ti Noel – e posterior, que já se beneficia do conhecimento dos acontecimentos futuros.

O fantástico como gênero também se debruça sobre as contradições de uma sociedade que se crê civilizada, mas que precisa de enormes quantidades de

violência para manter seu verniz. Assim, não deve causar espanto o fato de que *O reino deste mundo* seja considerado um romance fantástico. Uma parte significativa da crítica ao romance destaca o elemento fantástico, e não por acaso, haja vista a apresentação escrita por Carpentier. No entanto, há de fato poucos elementos sobrenaturais na narrativa. Quando o narrador explicita a crença dos escravos de que, graças ao domínio das artes do vodu, Mackandal pode se transformar em vários animais, estamos ainda dentro do terreno do natural, visto que se trata apenas de uma crença. Há um episódio de sobrenatural explicado: devido a uma confusão desencadeada pelo fato de que Mackandal se liberta do poste onde está amarrado, ninguém vê quando ele é subjugado e queimado, o que alimenta a crença dos escravos de que ele utilizou seus conhecimentos de vodu para se transformar em algum animal – talvez um inseto – e escapar da punição.

O jamaicano Boukman, líder dos “marrons” – forma como eram chamados os escravos fugidos que se estabeleciam em comunidades na mata; significando baldio, agreste, sem cultivo –, deu continuidade à guerrilha movida por Makaland, promovendo uma revolta de escravos que resultou na destruição de propriedades e assassinatos de proprietários e empregados brancos – da qual Ti Noel participa alegremente. Capturado com outros revoltosos, Ti Noel e alguns outros escravos são resgatados pelo Monsieur Lenormand de Mezy, seu proprietário, que, como muitos, assustado com os rumores de que haveria ajuda espanhola e mesmo francesa aos escravos, resolveu se exilar na ilha vizinha, levando consigo os escravos que ainda tinha. É esse tempo passado em Cuba, onde seu dono dilapida os restos de fortuna que ainda possuía e os perde como dívida de jogo, que justifica o espanto com o qual Ti Noel se defronta com as mudanças em sua ilha, quando, após ter comprado a própria liberdade, resolve retornar.

Esse desconhecimento, no entanto, não é total. Embora não saiba de primeira mão, Ti Noel recebe informações dos escravos de famílias que chegam a Cuba depois dele. É por essa via que é introduzida na narrativa Paulina Leclerc, irmã de Napoleão Bonaparte, casada com o general Leclerc, enviado por Napoleão

para neutralizar Toussaint l'Ouverture, o líder que procurou negociar uma medida de independência a Saint-Domingue¹ ao mesmo tempo que jurava lealdade à França. Embora tenha conseguido enviar Toussaint à Paris, onde ele morreu na prisão, Leclerc falhou em pacificar a ilha, seja por suborno ou por violência, e um ano após sua chegada, em 1801, ele morreu de febre amarela em um dos muitos surtos epidêmicos que assolavam o Caribe. Foi esse fracasso que deu espaço para a tomada de poder por um dos generais de l'Ouverture, Jean-Jacques Dessalines, que derrota as tropas francesas enfraquecidas pela febre amarela e pela falta de reforços, uma vez que a França iniciara a campanha na Rússia, e declara a independência em 1804.

Como personagem condutora do olhar do narrador, Ti Noel tem poucos conhecimentos do que aconteceu no Haiti desde o exílio de seu dono, o que explica a não abordagem do período do comando de Thussain L'Ouverture, a morte de Dessalines e a consequente luta entre seus dois subordinados, Henri Christophe, que ocupa a parte norte da ilha, tornando-a uma monarquia, e Alexandre Pétion, que ocupa a parte sul e estabelece uma república. Essa explicitação dos eventos históricos que informam a ação, mesmo que não sejam abordados no romance, se destina a situar não apenas os acontecimentos como também a fornecer um contexto às informações sobre as personagens históricas que desfilam na trama.

Nenhuma dessas informações é explicitada na narrativa, que escolhe seguir a trajetória de Paulina em Saint-Domingue. Seguindo o marido, ela mergulha em um idílio alimentado por suas leituras românticas e pelas atenções de um escravo, Solimão, que a massageia e a quem ela provoca por diversão. No entanto, quando a epidemia de febre amarela faz uma vítima entre seus criados, ela se retira assustada para a Ilha de Tortuga. Leclerc viaja pela ilha de Hispaniola, tentando suprimir focos de revolta, até retornar a Tortuga, infectado. Isso a lança em puro terror e seu escravo passa a prestar-lhe diferentes serviços: todos a fim de

¹ A Ilha de Hispaniola era dividida entre Santo Domingo, colônia espanhola e Saint-Domingue, colônia francesa que veio a ser o Haiti.

providenciar meios para mantê-la intocada pela doença, com remédios locais, orações e rituais. Após a morte de Leclerc, ela retorna a Paris. Como parte de um esforço de legitimação da família Bonaparte, e para consolidar seu poder na Itália recém invadida, o irmão, a seguir, a faz casar-se com o príncipe Camillo Borghese.

Apenas mais adiante no romance reencontraremos Solimão. Levado pela rainha Maria Luísa após a morte de Henri Christophe para seu exílio em Roma, ele encontra companhia feminina em uma das criadas do Palácio Borghese, cujos donos se encontravam ausentes. Em uma de suas noites de sexo e vinho, ele encontra a estátua de Canova e, tocando-a, reconhece as formas de Paulina. Ao sentir na dura frialdade do mármore, em um ambiente parcamente iluminado, as formas conhecidas, ele acredita se tratar do cadáver de Paulina e tenta ressuscitá-la com um ritual que assusta todos a seu redor. Os tratamentos que a rainha dedica a seu servidor se revelam inúteis e ele acaba por morrer em parte por causa da febre contraída, em parte por causa da tristeza advinda de acreditar estar Paulina morta.

Figura 1 - Paulina Borguese, por Canova



Fonte: Wikimedia Commons, 2018. Disponível em:
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paolina_Borghese_\(Canova\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paolina_Borghese_(Canova).jpg)

Essa pequena narrativa que segue uma personagem secundária na trama pode funcionar como uma fábula cautelar sobre os riscos que traz o contato dos haitianos com os europeus, e mesmo com a arte europeia. A influência europeia desagrega e dissolve a identidade haitiana, o que nos leva ao reinado de Henri Christophe e aos erros cometidos por ele.

Henri Christophe comete dois grandes erros, metaforicamente expressos nas duas grandes obras de arquitetura que ele fez construir: o Palácio de Sans-Souci e a Fortaleza Ferretiere. Sans-Souci é o local de sua corte, que imita à perfeição a corte francesa. Após detalhada descrição do local, segue-se:

Mas o que mais assombrava Ti Noel era a descoberta de que esse mundo prodigioso, como o havia conhecido os governadores franceses do Cabo, era um mundo de negros. Porque negras eram aquelas formosas senhoras, de nádegas firmes, que agora dançavam em roda em torno de uma fonte de tritões; negros, aqueles dois ministros de meias brancas, que desciam, com a pasta de couro de bezerro debaixo do braço, a escadaria de honra; negro, aquele cozinheiro, com cauda de arminho no boné, que recebia um veado dos ombros de vários aldeões, conduzidos pelo comandante dos monteiros; negros, aquele hussardos que trotavam no picadeiro; negro, aquele copeiro chefe, de corrente de prata no pescoço, que contemplava, em companhia do mestre de falcoaria, os ensaios de atores negros em um teatro de verdura; negros, aqueles lacaios de peruca branca, cujos botões dourados eram contados por um mordomo de jaqueta verde; negra, enfim, e bem negra, era a Imaculada Conceição erguida sobre o altar da capela, sorrindo docemente para os músicos negros que ensaiavam um *salve-rainha*. (CARPENTIER, 2009, p. 89).

O mundo criado por Henri Christophe imita a corte francesa, com suas damas, ministros, lacaios, hussardos, mordomos. Até mesmo a expressão da fé assume os valores dos colonizadores, restando pouco espaço para uma identidade negra. O fato histórico aqui assume uma qualidade metafórica: o Palácio de Sans Souci, local das maravilhas que Ti Noel testemunha, foi eventualmente destruído durante a revolta popular que pôs fim ao reinado de Henri Christophe (é de lá que Ti Noel retira as peças de mobília com que adorna o seu próprio “palácio real”). Suas ruínas atestam a magnificência arquitetônica do palácio – e sua impermanência.

Figura 2 - Palácio de Sans Souci



Fonte: Wikimedia Commons, 2014. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Palais_du_sans-soucis.JPG

Ao eleger a imitação como forma de expressão da identidade nacional, Henri Christophe silencia as vozes da nação e impede a construção de uma identidade nacional. A fortaleza, por sua vez, é um projeto de defesa, uma vez que ele acredita que os franceses atacarão o Haiti. Esse é um projeto sensato, ou seria, não fosse o fato de que, envolta nas Guerras Napoleônicas, e depois em sua derrota, a França jamais intenta a retomada de Saint-Domingue. Em defesa do rei, pode-se dizer que ele não tinha como saber disso. No entanto, ele toma o seu projeto pessoal de poder como necessidade da nação, e pior, faz construir a fortaleza (como antes havia acontecido com o palácio), a Citadella Laferrière, utilizando trabalho escravo.

Figura 3 - Fortaleza Laferrière



Fonte: Reprodução: Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mby93ytTNwo>

Embora a informação histórica seja a de que Henri Christophe se suicidou, Carpentier opta por uma versão na qual ele é assassinado por aqueles que

escravizou, tornando a narrativa mais enfática na questão da retribuição: pior do que os brancos que escravizaram os negros do Haiti, Henri Christophe foi ele mesmo um escravo, então seu pecado é duplo. Por seus pecados de origem, pode-se dizer que o legado de Henri Christophe à emergente nação são seus erros.

Por fim, Ti Noel consegue seu intento, que é retornar para a fazenda do senhor de La Mezy, onde passou os anos iniciais de sua vida. Ao chegar, ele encontra a casa senhorial destruída, bem como os outros edifícios, e terras sem nenhum cultivo. Abandonada, a fazenda não guarda nada de seu antigo esplendor. Ele improvisa um precário abrigo para si mesmo e passa a cultivar um pequeno trato de terra.

É nesse espaço degradado que Ti Noel se transmuda em rei, como Henri Christophe, e feiticeiro, como Makaland, cumprimentando seus “súditos” e assumindo a forma de diversos animais. Embora o narrador não explicita a causa desses eventos sobrenaturais, como acontece na execução de Makaland, não é difícil chegar à conclusão de que Ti Noel, coadjuvante em todas as tramas históricas de que participou, mas protagonista de sua própria história, que quando adolescente assistira ao acidente que vitimou Makaland, que participou de revoltas de escravos e acompanhou seu senhor no exílio, que retornou para encontrar uma monarquia ao avesso, está, como afirmam o narrador e a própria personagem condutora, velho. Idoso, fora do seu juízo perfeito, caduco.

Assim, tanto a trama histórica quanto a ficcional têm finais melancólicos em *O reino deste mundo*. Se considerarmos que o Haiti, apesar de ter sido a mais rica das colônias francesas no Caribe, e apesar de ter sido o primeiro país na América Central a levar a cabo um processo de independência, chegou ao século XXI como o país mais pobre do continente americano, esse final não é surpreendente. Como nos mostra o romance, a independência do Haiti foi orquestrada por forças políticas diversas e dificilmente conciliáveis, e com uma medida muito grande de violência. Seu passado colonial especialmente conturbado não prediria um futuro

muito auspicioso. Isso é demonstrado no romance, cujos eventos são ou de desmedida violência, ou de preparação para ela.

REFERÊNCIAS

CARPENTIER, A. **O reino deste mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FONSECA, M. N. S. Henri Christophe: mito e história. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte, n. 14, p. 179-192, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8022>.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PIARD, J. An Autopsy of the Black Revolution: Looking at Henri Christophe through the Césairean lens. **Pathways**, Philadelphia, v. 1, n. 2, 2020.

Contribuição de autoria

1 – Cíntia Carla Moreira Schwantes

Universidade de Brasília, Brasília, DF

<https://orcid.org/0000-0002-2850-9314> • ckschw@gmail.com

Contribuição: Autor

Como citar este artigo

SCHWANTES, C. C. M. As ruínas do reino. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v.41, e70317, p. 1-12, 2023. DOI 10.5902/1679849X70317. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70317>. Acesso em: dia mês abreviado. ano